A INFLUÊNCIA DOS CONTOS DE FADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARIA DE LOURDES FERREIRA

RESUMO

A pesquisa explora a importância da contação de histórias na educação infantil e do papel transformador da literatura infantil, com foco nos contos de fadas. A metodologia envolve pesquisa bibliográfica. O estudo destaca como a narração de histórias enriquece o desenvolvimento da criança, ajudando-a a entender o mundo, a si mesma e a lidar com suas emoções, apontando os benefícios da narrativa para o desenvolvimento da linguagem e socialização infantil. Também, enfatiza a eficácia de introduzir histórias antes do período escolar, estabelecendo uma base para a formação de leitores, e reconhece que contar histórias tem impactos significativos em níveis psicológicos, pedagógicos, históricos, sociais, culturais e estéticos, base de uma educação integral.

Palavras – chave: Contos de fada; educação infantil; imaginação; fantasia; contação de histórias.

ABSTRACT

The research explores the significance of storytelling in early childhood education and the transformative role of children's literature, focusing on fairy tales. The methodology involves bibliographic research. The issues highlight how storytelling enriches a child's development, aiding them in understanding the world, themselves, and in managing their emotions. It points out the benefits of narrative for language development and child socialization. It also emphasizes the effectiveness of introducing stories before the school years, laying the foundation for the formation of readers. The research acknowledges that storytelling has significant impacts on psychological, pedagogical, historical, social, cultural, and aesthetic levels, forming the basis of holistic education.

Keywords: Fairy tales; early childhood education; imagination; fantasy; storytelling.

INTRODUÇÃO

A narração de histórias é um veículo poderoso para influenciar o desenvolvimento da criança, fornecendo um espaço no qual elas podem mergulhar em narrativas que exploram ações, problemas e conflitos. Por meio dessa imersão, as crianças absorvem modelos de comportamento e soluções apresentados nas histórias, enriquecendo seu conhecimento sobre si mesmas e sobre o mundo que as cerca. Isso desempenha um papel essencial na formação da personalidade infantil. Mesmo que a intenção original da narração oral ou dos textos literários não seja educativa, eles ainda têm um impacto profundo na educação das crianças.

Ao ouvir uma história, as crianças (e os leitores em geral) mergulham profundamente no plano psicológico das ações, dos problemas e dos conflitos apresentados na narrativa. Essa imersão, por meio da absorção e experimentação dos modelos de ações e soluções retratados na história, enriquece significativamente o repertório de conhecimento da criança, tanto sobre si mesma quanto sobre o mundo que a cerca. Tudo isso desempenha um papel fundamental na formação da personalidade.

Quando as crianças se envolvem com obras de arte, como a literatura, elas participam, de forma inesperada, de um processo educativo, mesmo que não seja essa a intenção primordial da narração oral ou do texto literário. No entanto, essa experiência ampla de "aprendizado" nem sempre é facilmente compreensível, como muitas vezes é desejado por professores e escolas. Na performance do narrador, os contadores de histórias e seus ouvintes compartilham experiências únicas em um momento que é marcado pela cumplicidade, um momento que apenas a narração oral e presencial pode oferecer. A arte de contar histórias é, assim, vista como uma ferramenta que cria espaços encantadores, uma vez que o desenvolvimento das pessoas está intrinsecamente ligado ao crescimento emocional e ao estabelecimento de regras para uma convivência harmoniosa.

A pesquisa visa destacar a importância da contação de histórias na educação infantil, devido à necessidade das crianças de explorar mundos imaginários e criativos. O uso excessivo de dispositivos eletrônicos tem o potencial de privar as crianças desse encanto, expondo-as a uma realidade mais árida. Introduzir histórias desde cedo pode enriquecer o desenvolvimento da aprendizagem.

O objetivo deste trabalho é conscientizar os educadores de infância sobre a relevância da narração e audição de histórias para o progresso da linguagem e socialização das crianças, além de fomentar o interesse pela leitura. A metodologia abrange pesquisa bibliográfica.

CONTAR HISTÓRIAS

A arte de contar histórias é muito antiga e foi transmitida de geração em geração. Somente no século XVII, algumas his-

tórias de tradição oral, como Chapeuzinho Vermelho e o Gato de Botas, começaram a ser compiladas e documentas por Charles Perrault e, em função disso, se tornaram mais conhecidas entre os séculos XVIII e XIX. (BRASIL, 2006, p. 85)

A arte da contação de histórias na literatura infantil, como observado por Coelho (2001), teve seu início no século XVIII, quando a criança passou a ser reconhecida como um ser distinto do adulto, contrastando com a visão anterior que a equiparava aos adultos. Acrescenta OLIVEIRA (2002) que o desenvolvimento científico, a expansão comercial e as atividades artísticas ocorridas no período do Renascimento estimularam o surgimento de novas visões sobre a criança.

As narrativas têm a capacidade de despertar emoções, despertar interesses e criar expectativas. O ato de ouvir e contar histórias serve como um meio de transmitir cultura, valores e conhecimento, muitas vezes transmitidos de uma geração para outra. À vista disso, Cléo Busatto (2003, p. 10) a leitura de histórias para os estudantes é amplamente reconhecida como uma prática pedagógica fundamental. No entanto, a contação de histórias representa uma técnica distinta, evocando a imagem de uma figura ancestral que, ao redor de uma fogueira ou ao pé da cama, entretinha os ouvintes com contos tradicionais, transmitindo histórias que haviam sido preservadas na memória por meio da tradição oral. Dentro do contexto histórico, a contação de história é uma prática muito antiga que atendia às necessidades de perpetuar um povo e este momento era muito importante para todos (BUSSATO, 2006).

Comumente, as mães contam histórias para seus bebês, muitas vezes, ainda no ventre. Alguns defendem a eficácia de envolver bebês com a voz materna, contando histórias mesmo durante a gestação, para familiarizá-los com elementos narrativos e com a intimidade e o carinho que a narração envolve.

Ao ouvir uma história, a criança desenvolve o pensamento lúdico, sua imaginação, recriando o mundo que a cerca, atribuindo novos significados. Segundo Bettelheim (1996), a contação de história oral é uma passagem para o desenvolvimento, amadurecimento e sedimentação da individualidade, da autovalorização e da importância de um futuro feliz, gerando a renúncia das conexões infantis e deixando abertura para o diálogo com a obrigação moral e a convivência social, ajustada na consideração ao outro.

Conforme pontua Tahan (1996, p. 38), a prática da contação de histórias serve como um meio de transmitir verdades universais. Essa afirmação ressalta a durabilidade da tradição de contar histórias, que perpetua a herança cultural de um povo. Na educação infantil, temos a chance de compartilhar com as crianças os ensinamentos que foram transmitidos a nós por nossos antepassados.

As histórias desempenham um papel significativo na promoção de conexões, entretenimento e no estímulo à imaginação em seres humanos. Além disso, elas facilitam a partilha de experiências tanto entre crianças quanto entre gerações de adultos.

Oliveira (1996, p. 27) destaca que a presença da literatura infantil na vida de uma criança deve ser tão essencial quanto o leite em sua mamadeira. Ambos desempenham papéis cruciais em seu desenvolvimento. Enquanto o leite contribui para o crescimento biológico, a literatura infantil nutre o aspecto psicológico, alimentando as dimensões afetivas e intelectuais. A literatura infantil possui um poder mágico e cativante que tem a capacidade de estimular o potencial criativo do leitor. Quando integrada de maneira adequada à educação da criança, ela se torna uma força transformadora da realidade. Zilberman (1987, p. 22) reforça que a literatura sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ele continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala o seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois a conhecê-lo melhor. Para a autora, a escola precisa ser o espaço de fato para que a criança reflita sobre sua condição pessoal.

Esse movimento dialógico presente na contação de histórias está presente ainda na obra de Vygotsky (2008, p.8) em que ele esclarece que a comunicação genuína entre seres humanos requer uma postura abrangente, representando um estágio evoluído no processo de atribuir significado às palavras. As formas mais sofisticadas de comunicação humana só se tornam viáveis devido ao fato de que o pensamento humano reflete uma realidade conceitualizada.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL

Quando mergulhamos nas narrativas, adentramos um mundo rico, repleto de enigmas, maravilhas e um apelo irresistível, que não apenas nos entretém, mas também nos educa. Daí a importância de fomentar uma conexão lúdica e gratificante entre a criança e a literatura infantil, uma abordagem que nos oferece a oportunidade de nutrir futuros leitores. Ao explorar a fantasia e alimentar a imaginação, solidificamos a interação entre o texto e o leitor, estimulando a criatividade.

A criança, quando devidamente guiada por métodos pedagógicos, é capaz de ex-

trair uma compreensão profunda do texto e uma visão abrangente do contexto. Uma obra literária desafia a realidade de maneira inovadora e imaginativa, convidando o leitor a desvendar o que se esconde nas entrelinhas do texto.

Portanto, não devemos relegar a literatura infantil a um mero passatempo ou, em outras palavras, a um pretexto para ensinar a leitura e incutir o gosto pela leitura. Para que o trabalho com a literatura infantil efetivamente medie conhecimento, é essencial estabelecer uma sólida ponte entre a teoria e a prática, permitindo que os educadores alcancem metas educacionais específicas.

Oliveira (1996, p. 27), afirma que:

A literatura infantil deveria estar presente na vida da criança como está o leite em sua mamadeira. Ambos contribuem para o seu desenvolvimento. Um, para o desenvolvimento biológico: outro, para o psicológico, nas suas dimensões afetivas e intelectuais. A literatura infantil tem uma magia e um encantamento capazes de despertar no leitor todo um potencial criativo. É uma força capaz de transformar a realidade quando trabalhada adequadamente com o educando.

Dalvi, Resende e Jover-Faleiros (2013, p.71) afirmam ser relevantes os motivos pelos quais acredita-se na importância da literatura, especialmente no âmbito escolar. Na educação infantil, o trabalho com a oralidade e as formas populares muitas vezes não é reconhecido como parte do campo literário. No entanto, ele desempenha um papel fundamental, não apenas porque a literatura auxilia as crianças a refletirem sobre seus dilemas e questões subjetivas, psicológicas, identitárias e sociais, mas também porque o trabalho com a literatura é essencial para permitir que, através de práticas efetivas de exploração do universo literário, as crianças desenvolvam uma apreciação pela sonoridade presente em rimas, canções, poemas infantis e versos. Segundo Dalvi et al., isso estabelecerá a base para a aquisição da habilidade da escrita e para a compreensão de formas mais elaboradas da linguagem oral, além de enriquecer a compreensão em várias dimensões, incluindo as éticas, linguísticas e estéticas.

Em linha com a perspectiva de Bettelheim (1996, p.13), uma narrativa cativante para crianças deve não apenas entreter e despertar sua curiosidade, mas também enriquecer suas vidas ao estimular a imaginação, nutrir o intelecto e clarear as emoções. Ela deve refletir as ansiedades e desafios da criança, enquanto, ao mesmo tempo, oferece sugestões para enfrentar esses obstáculos.

O poder transformador da literatura vai além do contato com a língua ou a arte. Há pesquisadores que analisam os impactos emocionais nas crianças que têm contato com a literatura infantil. Para Abramovich (1995, p.17), o ato de ouvir histórias é uma experiência que permite às crianças experimentarem uma ampla gama de emoções significativas, incluindo tristeza, raiva, irritação, bem-estar, medo, alegria, pavor, insegurança, tranquilidade e muitas outras. Elas têm a oportunidade de vivenciar profundamente todas as complexidades e verdades que cada narrativa evoca, permitindo que vejam, sintam e enxerguem com os olhos da imaginação.

Para Lajolo, (2005 p. 62) a literatura abre portas, cutuca, alimenta ou nos permite “dar asas à imaginação”. Ela destaca que “a literatura é também uma importantíssima fonte de conhecimentos, porque através dos livros aprendemos muito sobre o mundo que nos rodeia.”. Ainda segundo a autora, a literatura permite ensinar com diversão. A literatura é capaz de disseminar cultura, valores e, principalmente, brincar e aprender simultaneamente.

A literatura infantil ocupa espaço privilegiado quando aliada à contação de histórias, Fink aponta que

Então, quando a criança é apresentada por meio das práticas de contação de histórias, ao mundo das palavras por meio da literatura infantil e da maneira expressiva de contar histórias, de forma lúdica e prazerosa, participando do texto, da história, sentindo emoções, transportando-se para o mundo imaginário, sem distanciar-se do real, está com certeza encontra sentido para as palavras, passando a ver que a leitura é mais do que ler um amontoado de palavras, é magia, é prazer, fantasia e realidade. (FINK, 2001, p. 17).

Um texto pode influenciar muito o percurso formativo da criança, contribuindo para a interação com seus pares, o contato com valores da sociedade, atuais ou não, ampliar seu repertório cultural, contribuir para reconhecer seus sentimentos e o do outro, estimulando o prazer, a imaginação e a criação.

A influência dos textos na formação da criança vai além das palavras impressas. Por meio de personagens e enredos envolventes, as crianças são convidadas a explorar diferentes perspectivas, a desenvolver empatia e a enxergar o mundo a partir de múltiplos ângulos. A literatura infantil atua como um espelho e uma janela: reflete a experiência da criança de volta para ela, validando suas emoções e experiências, ao mesmo tempo em que abre janelas para novos horizontes culturais e emocionais. Isso permite que as crianças cresçam não apenas como leitores ávidos, mas também como cidadãos mais conscientes e compreensivos.

A literatura infantil proporciona uma oportunidade valiosa para a criança desenvolver suas habilidades linguísticas e cognitivas. Ao se envolver com histórias, as crianças são expostas a uma ampla gama de vocabulário e estruturas linguísticas. Isso não apenas fortalece suas habilidades de leitura e escrita, mas também amplia seu pensamento crítico e criativo. Através da análise de personagens, enredos e dilemas morais presentes nas narrativas, as crianças podem aprimorar sua capacidade de pensamento reflexivo, aprendendo a formular perguntas, a buscar soluções e a avaliar as complexidades da vida.

Além disso, a literatura infantil nutre o gosto pela leitura, transformando-a de uma atividade acadêmica em um prazer. A leitura se torna uma atividade que as crianças anseiam, alimentando a curiosidade e o desejo de explorar o desconhecido. Com livros como amigos constantes, as crianças descobrem que a leitura pode ser uma fonte de conforto, escapismo e aventura. Ao cultivar o amor pela leitura desde tenra idade, a literatura infantil estabelece as bases para uma vida inteira de aprendizado contínuo e descoberta. Portanto, o impacto dos textos na vida da criança transcende a educação formal e é uma ferramenta inestimável na formação de indivíduos.

A leitura, conforme observado por Smith (2001), representa uma atividade que envolve uma conexão entre o que está diante dos olhos e o mundo interior da mente. Portanto, a narração de histórias atua como uma ferramenta de estímulo para a leitura e desempenha um papel essencial no desenvolvimento da linguagem. Ela serve como um passaporte para o universo da escrita, além de despertar o senso crítico e incitar as crianças a sonhar.

A narração de histórias é uma prática que enriquece a aquisição de conhecimento, muitas vezes repleta de significados. Quando realizada com dramatização adequada e uma sequência didática bem estruturada, ela se torna uma poderosa ferramenta para transmitir conhecimentos. Além disso, estimula a criatividade, promove a interação com o ambiente, amplia o vocabulário e permite que os alunos façam conexões com suas próprias experiências, o que ajuda a concretizar conceitos e regras. Essa abordagem também fomenta o desejo pela leitura e melhora a capacidade de atenção, concentração e memorização dos educandos (CHAMAT, 2008).

CONTOS DE FADA

As histórias, particularmente os contos de fada, têm uma longa tradição na literatura infantil e são fundamentais no desenvolvimento das crianças. Esses contos não apenas entretêm, mas também estimulam a imaginação e ajudam as crianças a compreenderem e lidar com uma ampla gama de emoções e desafios. Eles fornecem lições sobre a vida, permitindo que as crianças enfrentem suas ansiedades e desafios.

Uma das referências que tratam da origem dos contos de fadas está em Coelho (2003). Ela esclarece que os contos de fadas surgiram há milhares de anos, com uso da oralidade, mas que ganharam destaque há poucos séculos, com a contação de histórias a crianças de modo lúdico. Mendes (2000) relata que a origem tem ligação com Perrault, na França, que, para entreter os filhos do Rei Luis XIV, elaborou uma coletânea de contos de fadas — “Histórias ou contos do tempo passado com moralidades”, que, ao fazer sucesso na educação burguesa.

Ao passar dos anos, as transformações na sociedade permitiram que as pessoas das cidades, ainda burgueses, pudessem acessar esse gênero, abrindo caminho para as obras de contos populares, folclóricos, dos irmãos Grimm. Obviamente uma característica menos elitista e religiosa acompanhou o gênero Conto de Fadas. Mary de Andrade Arapiraca, ao analisar a obra de Regina Zilberman, A literatura infantil na escola, acrescenta que

Por essas razões, a história da literatura infantil se confunde com as transformações vividas pelos contos de fadas no século XIX. Havendo a preocupação de dotar os jovens com textos adequados à sua educação, deu-se a elaboração do acervo popular europeu, destacando-se principalmente os Irmãos Grimm nesse processo. Quando a moderna pedagogia passou a enfatizar uma formação emancipatória das crianças, a literatura infantil respondeu com textos renovados que buscam a criatividade infantil, transmitindo aos leitores sua mensagem progressista. Por outro lado, a recíproca é também verdadeira, pois ambos os géneros evoluem juntos - não se consegue pensar a narrativa de fadas fora do âmbito da literatura infantil. (2007, documento eletrônico)

Em tempos mais recentes, acrescenta Márcia Vasconcellos,

Depois de Perrault e Grimm, vários outros autores se aventuraram na missão de passar adiante os contos de fada. Entre eles pode-se citar Hans Christian Andersen que também povoou o universo infantil de várias gerações com seres imaginários. No Brasil, cuja literatura infantil dá partida com as obras de Monteiro Lobato, vários escritores de renome recriaram várias dessas histórias, atualizando-as. É exatamente esse aspecto universal do conto cujas estruturas primárias podem ser encontradas em diferentes países, em diferentes extratos sociais

e em diferentes idiomas que fizeram dos contos de fada um referencial de estudo para a Psicologia Analítica. (VASCONCELLOS, 2006, p. 6)

Conseguimos assim, perceber que os contos de fada que inicialmente pregavam um cunho moral e religioso, evoluem a um desejo progressista voltado à criatividade infantil.

Como tratado anteriormente, a literatura tem papel importantíssimo na formação da criança. O conto de fadas é o carro chefe nesse contexto. Famosos de longa data que atravessaram séculos, os contos de fada desempenham papel importante no processo de desenvolvimento da criança. Bettelheim diz que

[...] enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (1996, p.20)

Nessa ideia, Bettelheim (1996, p. 10) afirma que a criança, à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isso, torna-se mais capaz de entender os outros e, eventualmente, pode se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa.

Destaca-se assim a importância dos contos de fada no desenvolvimento da criança. Bettelheim continua,

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (1996, p. 13)

Em outras palavras, para que uma boa história favoreça a imaginação e o desenvolvimento da criança, Corso e Corso (2006, p.303) afirma que:

Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem. Um grande acervo de narrativas é como uma boa caixa de ferramentas, na qual sempre temos o instrumento certo para a operação necessária, pois determinados se tivermos a broca, o alicate ou a chave de fenda adequados. Além disso, com essas ferramentas podemos também criar, construir e transformar os objetos e os lugares.

Os autores acreditam que os contos de fada permitem que as crianças percebam e vivenciem suas realidades através do mundo imaginário, permitindo a elas lidarem com seus problemas reais. Para Castro (2008) a criança, com sua riqueza imaginária e com sua capacidade de vivenciar o faz-de-conta, mergulha em um universo encantador, onde lidam com sentimentos do bem e do mal, na qual, podem aparecer por personagens como, fadas, bruxas, madrastas, príncipes e princesas.

RECORTE DA LEGISLAÇÃO

No artigo 9º, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) preveem os eixos estruturantes das práticas pedagógicas que apresentam as garantias de experiências necessárias para desenvolver as interações e brincadeiras. Destaco aquelas pertinentes a esse artigo,

Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;

Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;

Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;

Incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza;

Possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e conhecimento da diversidade;

Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;

Propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras;

(DCNEI, MEC, documento online, grifo nosso)

O intuito de apresentar apenas um recorte das Diretrizes é o de demonstrar a coerência em dar relevância maior aos contos de fada. No recorte acima, estão presentes as ações esperadas para o desenvolvimento das crianças na educação infantil. Na pesquisa bibliográfica levantada nesse artigo, narrar um conto de fadas possibilita desenvolver aspectos da infância preconizados no DCNEI. O grifo do texto do MEC possibilita, direta ou indiretamente, retomar isso no presente artigo.

Outro documento de suma importância, a BNCC, nos apresenta os direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil

Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.

Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.

Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.

Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário.

(BNCC, 2018, documento digital)

Como se vê, há uma articulação entre a base legal e a teórica, no que se refere ao trabalho com os contos de fadas na educação infantil. Ainda que os textos legais não apresentem esse gênero propriamente dito, podemos encontrar traços da psicologia relacionados aos direitos das crianças e o contar histórias infantis.

A título de exemplo, apresenta-se a seguir uma habilidade para Bebês (zero a 1 ano e seis meses) do campo de experiências Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação (BNCC, 2018) para a Etapa da Educação Infantil, "(EI01EF03) Demonstrar interesse ao ouvir histórias lidas ou contadas, observando ilustrações e os movimentos de leitura do adulto-leitor (modo de segurar o portador e de virar as páginas).". Posto isso, seguem-se as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apoiado nas considerações de Bettelheim (1996, p.82), um conto de fadas habilmente personifica todos os pensamentos mágicos e conflitantes de uma criança - seus desejos destrutivos como uma bruxa malvada, seus medos como um lobo faminto, suas expectativas conscientes como um sábio aventureiro e suas raivas ciumentas como um animal que ataca seus rivais - a criança começa a organizar essas tendências conflitantes. Esse processo permite que a criança gradualmente reduza sua sensação de caos incontrolável e comece a lidar de maneira mais equilibrada com suas emoções e pensamentos.

Por meio das narrativas, cada criança, ao imergir em um conto, inicia uma jornada que lhe permite explorar e investir em cenas carregadas de suas próprias emoções e sentimentos, moldados pela fase de vida que está vivenciando. Assim, a criança é capacitada a identificar qual entre os contos ressoa com sua situação interna, ao mesmo tempo em que desenvolve a habilidade de discernir o momento em que a história oferece a ela um caminho para confrontar e superar desafios complexos.

Há intenso estudo nas universidades sobre os contos de fada, mas cabe aqui uma análise importante levantada por Mendes (2000, p. 45), a grande falha dessas teorias reside no fato de analisarem os contos, privilegiando apenas um dos componentes de sua estrutura, tais como os processos históricos, mitológicos, psíquicos e sociais. Essa análise oferece uma perspectiva intrigante sobre a interpretação dos contos de fadas. Ao destacar a presença de valores ideológicos profundamente arraigados no contexto burguês e capitalista, Mendes aponta para uma camada de significado muitas vezes negligenciada. Esses contos, que à primeira vista podem parecer inocentes, revelam-se veículos poderosos de inculcação de normas sociais e morais. Eles não apenas entretêm, mas também transmitem mensagens sutis

sobre conformidade, obediência e a busca de aprovação das autoridades. Nesse sentido, a análise crítica de Mendes nos leva a questionar o propósito subjacente dessas histórias, lançando luz sobre as complexas interações entre narrativa, ideologia e formação cultural.

Sob a ótica do trabalho com os contos de fadas na educação infantil, a escola desempenha um papel de destaque no que se refere à maneira como a criança constrói sua visão de mundo e sua autonomia moral e intelectual. Tanto a instituição de ensino quanto os educadores devem estar preparados para criar ambientes nos quais as crianças possam interagir umas com as outras, compartilhando informações e perspectivas diversas. Isso desempenha um papel crucial na aquisição de conhecimento e na compreensão e internalização de normas, valores e convenções sociais necessárias para uma vida em sociedade. Dessa forma, a escola cumpre sua função de moldar indivíduos conscientes, críticos, agentes de mudança e cooperativos, capacitando-os a explorar o autoconhecimento e a emancipação.

O ato de contar histórias é uma prática que transcende o simples entretenimento infantil. Ele desempenha um papel fundamental na formação da criança, servindo como um veículo de instituição e socialização. Enquanto a criança se deleita com as narrativas, ela também está sendo introduzida nos intricados mundos do letramento e da imaginação. Através desse processo, o interesse pela leitura é cultivado desde cedo, estimulando a exploração do vasto universo literário. No entanto, os benefícios não se limitam ao âmbito intelectual. A prática de contar histórias tem repercussões profundas na saúde mental das crianças, proporcionando um espaço para lidar com emoções, compreender situações complexas e desenvolver habilidades de autorregulação.

Nessa fase crucial do desenvolvimento infantil, a criança está imersa em um processo de expansão de suas habilidades cognitivas e emocionais. O ato de contar histórias desempenha um papel instrumental ao promover o enriquecimento do vocabulário, o desenvolvimento das ideias e a formação da linguagem e do pensamento. Além disso, incentiva a criança a aprimorar sua capacidade de concentração, memória e reflexão, habilidades fundamentais para o aprendizado futuro. Ao mesmo tempo, a sensibilidade da criança é despertada, permitindo-lhe explorar o mundo ao seu redor de uma maneira mais profunda e significativa.

Além de seu impacto no crescimento intelectual e emocional, o ato de contar histórias desempenha um papel vital na formação da identidade da criança e sua relação com o meio em que está inserida. As narrativas frequentemente incorporam elementos culturais e valores, permitindo à criança explorar e compreender seu contexto social e cultural. Essas histórias servem como uma janela para diferentes perspectivas e experiências, auxiliando a criança a desenvolver empatia e compreensão em relação aos outros. Portanto, a prática de contar histórias é um pilar no desenvolvimento infantil, enriquecendo não apenas a mente, mas também o coração e a relação da criança com o mundo que a cerca.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1995.

ARAPIRACA, M. (2007). ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 1987. Revista Entreideias: Educação, Cultura E Sociedade, 5(4). https://doi.org/10.9771/2317-1219rf.v5i4.2947.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

_____. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18. Disponível em: <https://encurtador.com.br/zEY89>. Acesso em: 23 mar. 2023.

CASTRO, A. S. V. P. Diálogos entre literatura clássica infantil e psicanálise. CES Revista (CES/JF. Impresso) , v. 22, p. 267, 2008.

COELHO, Beth. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 2001.

COELHO, N. N. Literatura infantil: teoria, análise, didática. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos. São Paulo: DCL, 2003.

CORSO, D. L. e CORSO, M. Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BETTELHEIM, Bruno. Psicanálise dos contos de fadas. São Paulo: Paz e Terra 1996.

BRASIL, Secretaria de educação à distância. Práticas de leitura e escrita/ Maria Angélica Freire de Carvalho, Rosa Helena Mendonça (orgs.). Brasília: Ministério da Educação, 2006.

BUSATTO, Cléo. Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. A Arte de Contar Histórias no século XXI. Petrópolis, RJ: 2006.

CHAMAT, Leila Sara José. Técnicas de

intervenção psicopedagógica: para dificuldades e problemas de aprendizagem. São Paulo: Vetor, 2008.

DALVI, M. A.; REZENDE. N. L.; JOVER-FALEIROS. R. Orgs. Leitura de Literatura na Escola. São Paulo, SP: Parábola, 2013.

LAJOLO, MARISA, 1944. Descobrindo a literatura/ Marisa Lajolo (construtora). 1 ed. São Paulo: Ática,2005.

MENDES, Mariza B. T. Em busca dos contos perdidos: o significado das funções femininas nos contos de Perrault. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. Leitura Prazer: Interação Participativa da Criança com a Literatura Infantil na Escola. São Paulo: Paulinas, 1996.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Educação Infantil: Fundamentos e Métodos. São Paulo: Cortez, 2002

SANTOS, S. M. O. dos. Os contos de fadas e o processo de individuação das crianças. 121 p. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialista em Arteterapia) – ISEPE, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://www.arteterapia.org.br/pdfs/oscontosdefadaseoprocessodeindividuacao.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SMITH, Frank. Compreendendo a Leitura. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

TAHAN, Malba. O Homem que Calculava. Rio de Janeiro: 42ª edição, Record, 1996. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

VASCONCELLOS, Márcia. Um Novo Olhar sobre o Chapéu: uma leitura do Mito da. Grande Mãe no conto do Chapeuzinho Vermelho, nas versões de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm e no conto Fita Verde no cabelo de João Guimarães Rosa. Monografia de conclusão do curso de pós-graduação em Psicologia Analítica. IBMR. Rio de Janeiro, abril 2006.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 6ª ed. São Paulo: Global, 1987.